



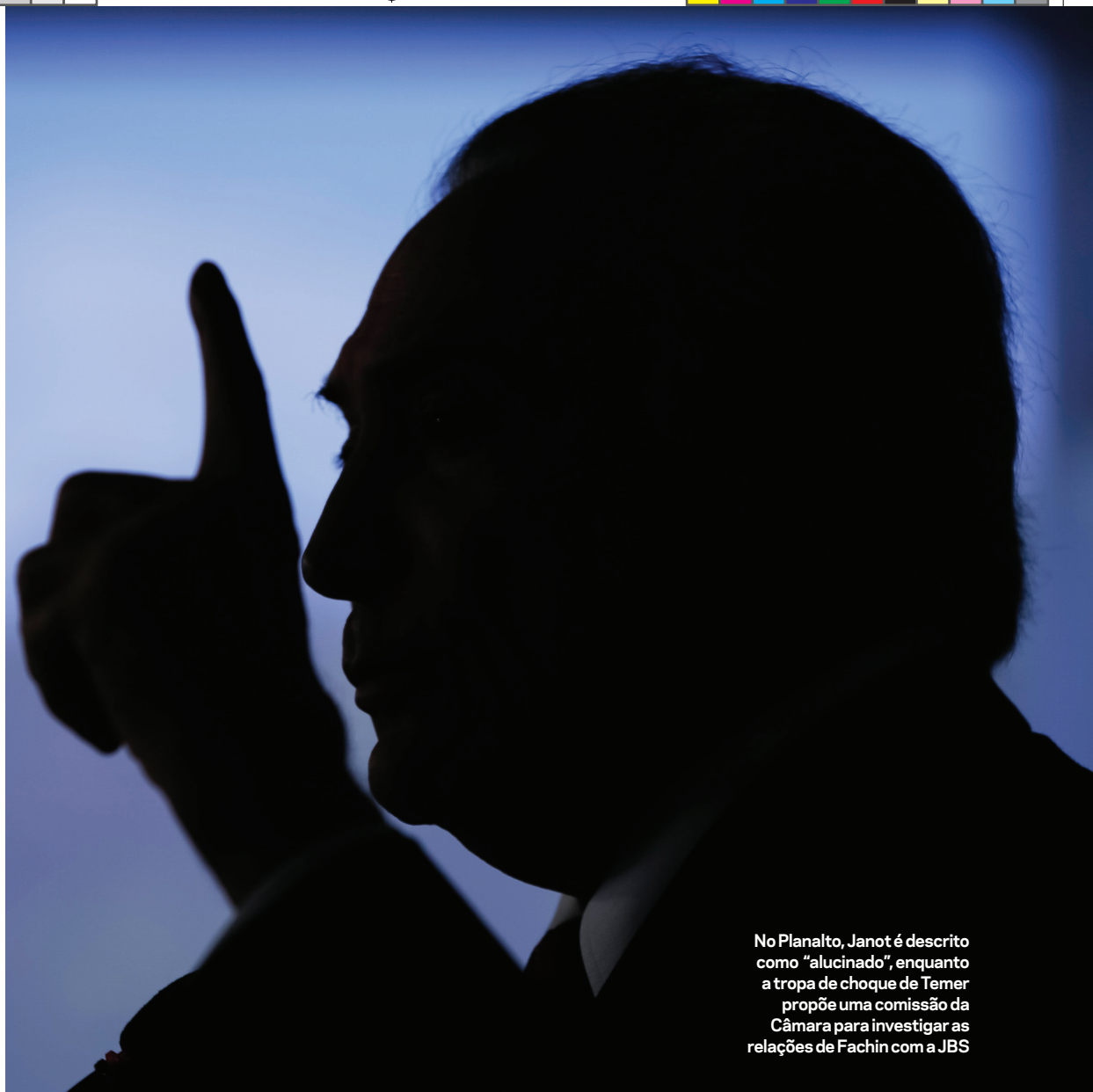
Janot prepara uma denúncia por corrupção, organização criminosa e obstrução da Justiça, e pedirá condenação à perda do cargo e à cadeia

VIROU CANGAÇO

ÀS VÉSPERAS DE SER DENUNCIADO À JUSTIÇA, TEMER PARTE PARA UMA OFENSIVA DE GOLPES BAIXOS CONTRA SEUS ALGOZES, JANOT, FACHIN E JOESLEY. E LEVA O TROCO

por ANDRÉ BARROCAL





No Planalto, Janot é descrito como “alucinado”, enquanto a tropa de choque de Temer propõe uma comissão da Câmara para investigar as relações de Fachin com a JBS

PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS E BETO BARATA/PR

Ao empossar um novo ministro da Justiça em 31 de maio, Michel Temer comentou que o País vive “momentos de grande conflito institucional”. Acertou quase na mosca, o Napoleão do Hospício do Brasil. O presidente que apelou às baionetas contras protestos, o “xerife” Rodrigo Janot e o juiz Edson Fachin estão, na verdade, em guerra total. Um combate de desfecho imprevisível, com jeito de que irá às últimas consequências, sabe-se lá quais, e desde já sujo e sangrento. Tudo assistido por um Congresso surdo, que avança com a impopular reforma trabalhista e marca sua votação final para a antevéspera de outra greve geral, no fim deste mês.

Janot prepara-se para apresentar a Fachin uma denúncia contra Temer por corrupção, organização criminosas e obstrução da Justiça, em decorrência das descobertas feitas ao longo do inquérito aberto no Supremo Tribunal Federal, a partir da delação do empresário Joesley Batista, da JBS-Friboi, e do lobista do frigorífico, Ricardo Saud. Pedirá para o peemedebista ser condenado à cadeia e à perda do cargo, a exemplo do que fez no dia 2 com o tucano Aécio Neves, agora ex-presidente do segundo maior partido governista. Será um fato inédito no Brasil.

Jamais um presidente foi acusado perante a Justiça enquanto esteve no cargo. Com isso, Temer continuará ameaçado de ser tirado à força do Palácio do Planalto, apesar da vitória que possivelmente teria no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), um

juízo inconcluso até a finalização desta reportagem, na noite da quinta-feira 8. Processar Temer não será fácil. Dois terços dos deputados precisam autorizar, e por ora o presidente não perdeu apoio parlamentar, sem o qual estaria “ferrado”, conforme confidenciou a Batista sem saber que era gravado. De qualquer forma, o presidente está acossado e joga sujo contra Janot e Fachin.

O “xerife” tem sido descrito no Palácio do Planalto como um “alucinado”, autor de “ataques institucionais e pessoais” contra Temer. No discurso do “grande conflito institucional”, o presidente acusou-o de “abuso de autoridade”, embora sem citá-lo. Com a Procuradoria-Geral da República no meio de uma campanha para a lista tríplice de concorrentes à vaga de Janot, o Planalto sopra que não

REPORTAGEM DE CAPA

indicará ninguém ligado ao procurador-geral, caso Temer sobreviva até o fim do mandato dele, em setembro. Um dia antes do início do julgamento no TSE, um dos advogados de Temer, Gustavo Guedes, apareceu em um vídeo no Facebook do PMDB a acusar Janot de tentar “desestabilizar” a Corte e “impactar” a sentença, motivo de uma nota de “desagravo” à PGR por parte da Associação Nacional dos Procuradores da República.

Há chumbo contra Fachin também. Por articulação presidencial, aliados parlamentares de Temer prepararam um dossiê contra o juiz. Querem constrangê-lo a explicar

por que andou para baixo e para cima no Senado ao lado do lobista Saud, da JBS, quando foi indicado por Dilma para o Supremo e cabalava votos para ser aprovado. Os jihadistas de Temer, tropa a incluir deputados da envergadura de Carlos Marun (PMDB-MS) e Fausto Pinato (PP-SP), deram o primeiro lance no dia 2, ao propor em uma comissão da Câmara um requerimento de informações dirigido a Fachin sobre as relações dele com a JBS. Como a comissão não se mexeu, a turma quer usar uma CPI da própria empresa para cumprir a tarefa. O objetivo final é causar um embaraço tal que leve Fachin a deixar o posto de juiz do caso Temer. A delação camarada firmada pela empresa com Janot, com anistia judicial total, precisou ser homologada por Fachin. A Associação dos Juízes Federais saiu em defesa dele. “Atacar a honra pessoal” do magistrado é tentativa de “intimidação” e merece “indignação”, proclama.

A artilharia de Temer atinge a JBS também. Na segunda-feira 5, de acordo com o jornal *Valor*, a empresa informou à PGR que a Caixa Econômica Federal teria cancelado uma linha de crédito antiga do frigorífico, no que seria uma retaliação do governo em decorrência da delação de Batista. Na quinta-feira

Em curso uma MP baixada pelo Planalto para complicar a vida da JBS de Joesley



As flores do acima retratado ressabiaram o marido



8, o Planalto baixou uma Medida Provisória que aumenta o poder de fogo do Banco Central e da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) para punir infratores. Batista e a JBS ganharam uma bolada em operações cambiais e na Bolsa por terem informação privilegiada sobre a própria delação. A MP tem cheiro de que será usada para asfixiar financeiramente a empresa.

“O Temer tem agido no cargo contra as investigações do mesmo jeito que o Eduardo Cunha quando presidia a Câmara e era processado no Conselho de Ética. Usa o cargo para se defender, para ter foro privilegiado”, afirma o deputado Júlio Delgado, do PSB mineiro. Janot e Fachin revidam o bombardeio e têm tido uma ajuda da Polícia Federal, cujo comando Temer quer mudar. Detalhes do enrosco judicial do presidente têm vindo a público cirurgicamente, enquanto novas ações policiais avançam sobre pessoas ligadas ao presidente. Movimentos sintonizados com aquela pregação do juiz Sergio Moro, ao analisar a Operação Mãos Limpas, da Itália: poderosos agente condena primeiro na mídia, depois nos tribunais. Bom lembrar que um dos principais integrantes da força-tarefa de *Mani Pulite*, Gherardo Colombo, depois de visitar o Brasil no ano

passado, disse: “Fizéssemos o que Moro faz, nós é que iríamos em cana”.

Uma das histórias desta cirurgia fina conhecidas nos últimos dias coloca no cenário flores e um jatinho da JBS, para reforçar a intimidade de Temer com Joesley Batista. O peemedebista esforça-se por provar que não tinha laços próximos com seu delator, forma de



Este jatinho é peça indispensável no cenário

mostrar não ter combinado nada com o empresário nem ter levado a sério as coisas cabeludas que ouviu. Sua conversa com Batista no escurinho do Palácio do Jaburu em 7 de março, gravada secretamente pelo convidado, seria fruto do traquejo parlamentar de Temer, sujeito afável e acessível, só isso, conforme o ministro da Justiça, Torquato Jardim. Não é o que o jatinho e as flores sugerem.

Em 12 de janeiro de 2011, quando estreava como vice-presidente “decorativo”, o “afável” viajou em uma avioneta particular com a família para Comandatuba, na Bahia, onde participaria daqueles convescotes promovidos pelo hoje prefeito de São Paulo, o tucano João Doria Junior, a juntar ricos e políticos. Voltou em seguida a Brasília, enquanto sua família permanecia na Bahia e retornaria a São Paulo em 14 de janeiro no mesmo jatinho. À PGR, conforme o noticiário, Batista disse que o jatinho era dele, um de prefixo PR JBS, e até entregou diários de bordo com o nome dos passageiros. O Planalto primeiro negou: Temer só voava nas asas

AO ESTREAR COMO VICE DE DILMA, NA AVIONETA DA JBS TEMER VIAJOU PARA PARTICIPAR DE MAIS UM RIDÍCULO CONVESCOTE ORGANIZADO POR JOÃO DORIA

da FAB. A versão não durou 24 horas. A Presidência confirmou tudo na quarta-feira 7, mas com ressalvas: Temer não sabia a quem pertencia a aeronave, nem pagou pela viagem. Estranho, muito estranho. Passa mais um dia, e aí sopros do Planalto apontavam o ex-ministro da Agricultura Wagner Rossi como autor do pedido de carona aérea à JBS. Rossi é amigo de Temer. Comandou o Porto de Santos por indicação dele no passado.

Flores apimentaram – ou seria perfumaram? – a novela aeronáutica. Para tornar mais críveis suas revelações, Batista

contou à Procuradoria, ainda conforme o noticiário, que havia flores no jatinho para recepcionar Marcela Temer, a jovem esposa do presidente, 41 anos mais nova do que o marido. O peemedebista teria ficado encurtado. O piloto do jatinho teria percebido e comentado tratar-se de um presente da mãe de Batista. Temer teria ligado para o filho e, em seguida, para a mãe, a fim de agradecer. Sobre isso, silêncio do Planalto.

Além da tentativa de se distanciar de Batista, Temer busca minimizar o teor indecoroso do papo noturno tido com ele no Jaburu, e aí tomou um murro no interrogatório preparado pela Polícia Federal. Na conversa de 7 de março, o presidente ouviu o empresário contar que estava “segurando” dois juízes para atrasar processos contra a JBS e que teria conseguido infiltrar uma pessoa na força-tarefa de procuradores criada em Brasília para investigar o frigorífico. Pelo contexto, tudo indica que os métodos de Batista para “segurar” juízes e infiltrar um procurador não eram, digamos, gratuitos. Essa é uma das razões, aliás, para a Ordem dos Advogados

VANESSA CARVALHO/BRASIL PHOTO PRESS/APP E UESLEI MARCELINO/REUTERS/LATINSTOCK

REPORTAGEM DE CAPA

do Brasil ter levado ao Congresso um pedido de *impeachment*. Temer, diz a OAB, recebeu de forma indevida, na calada da noite, um empresário investigado e ainda soube de indícios de crimes e nada fez.

Em sua defesa, o presidente sustenta não ter levado as inconfiáveis a sério, pois Batista seria um “conhecido falastrão, exagerado”. Uma impressão ampla em Brasília, registre-se. “Qual o motivo, então, para tê-lo recebido em sua residência, em horário, *prima facie* (à primeira vista), não usual, em compromisso extraoficial e sem que o empresário tivesse sido devidamente cadastrado quando ingressou às instalações do Palácio do Jaburu?”, diz uma das 82 perguntas da PF a Temer. O interrogatório foi despachado ao presidente na segunda-feira 5, com autorização de Fachin. O juiz, primeiro, tinha vetado o depoimento, até o término da perícia na gravação da conversa entre o presidente e Batista. Aí mudou de ideia e liberou o interrogatório antes do laudo. Temer teria 24 horas para responder, chiou, pediu mais tempo e ganhou prazo até as 17 horas da sexta-feira 9. Do Planalto emanaram comentários aborrecidos pelo fato de o questionário ter vindo a público, uma divulgação vista como forma de provocar constrangimentos.

O principal nome nas questões é o do ex-assessor especial da Presidência e ex-deputado Rodrigo Rocha Loures, preso no sábado 3 em caráter preventivo, sem data para sair. Segue o mistério o “homem da mala” vai virar um “homem-bomba” contra o presidente? As circunstâncias o empurram à denúncia. Sua mulher está grávida de oito meses. Ele é hóspede de um presídio comum, a Papuda, em Brasília, desde a quarta-feira 7. O STF negou-lhe uma *habeas corpus* de soltura. Nasceu em uma família abastada, talvez não tenha levado uma vida que lhe desse a capacidade de resistência. Apesar disso, Temer diz que Loures é “decente”. E acrescenta: “Duvido” que faça uma delação.

Loures preso, sobra o mistério: o “homem da mala” será “homem-bomba”?

NA CONVERSA DE 7 DE MARÇO NO JABURU, JOESLEY DEU A ENTENDER A TEMER TER COMPRADO O SILÊNCIO DE CUNHA E FUNARO

A PF também encheu Temer de perguntas sobre uma dupla de amigos do presidente, o coronel João Baptista Lima Filho, da empresa Argeplan, e Antonio Celso Grecco, dono de negócios no Porto de Santos, dois fantasmas para o presidente, conforme mostrou *CartaCapital* na edição passada. E reservou algumas para um doleiro que tem tudo para se converter em outro abacaxi para Temer. Lúcio Funaro está na Papuda, a nova casa de Loures, desde julho de 2016. Foi preso justamente em uma operação da PF e do Ministério Público, a Sépsis, a acossar a JBS. É camarada de negócios escusos do corrupto condenado Eduardo Cunha, que, por sua vez, é parceirão de Temer.

Na indecorosa conversa de 7 de março

no Jaburu, Joesley Batista deu a entender a Temer que tinha conseguido não ser acusado por Cunha e Funaro, graças a dinheiro. O elo dele com o doleiro preso era uma irmã de Funaro, Roberta. Ela recebeu ao menos 400 mil reais da JBS, pagamento filmado pela PF. Acabou presa por isso em 18 de maio. Solta em 2 de junho, agora cumpre prisão domiciliar. O advogado de seu irmão acaba de abandonar o cliente, convencido de que vem aí uma delação do doleiro. Por coincidência, era o mesmo defensor contratado por Loures, Cezar Bittencourt, notório antidelatador. No questionário a Temer, a PF pergunta se ele conhece Funaro, qual a relação de ambos, se o doleiro já arrecadou grana para campanhas do presidente e do

Funaro, doleiro de Eduardo Cunha, é coquilha da Papuda com Loures



Henrique Alves, oligarca potiguar, ministro de Dilma e da turma de Temer, preso por ordem de dois juízes diferentes



PMDB e se há fatos a envolver o peemedebista que possam ser revelados pelo encarcerado em uma eventual delação.

Funaro é réu, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, em processo na 10ª Vara Federal de Brasília, na companhia de outro peemedebista ligado a Temer que acaba de conhecer uma carceragem da PF. Trata-se de Henrique Alves, um oligarca potiguar brindado com prisão preventiva, na terça-feira 6, decretada por dois juízes diferentes. Ex-deputado, ele era ministro do Turismo de Dilma Rousseff e demitiu-se assim que o PMDB, por obra de Temer, rompeu com a petista e aderiu ao *impeachment*, em março de 2016. Estava ao lado do “companheiro de tantas lutas” no dia em que a Câmara aprovou o início da cassação de Dilma, em 17 de abril de 2016. Com o amigo na Presidência em maio de 2016, voltou

ao Turismo, mas logo saiu, devido a encenanças com a Justiça.

No processo na 10ª Vara, Alves é investigado por tirar proveito de um propinoduto montado pelo PMDB na Caixa Econômica Federal. Segundo o Ministério Público, um apadrinhado do partido na diretoria do banco, Fábio Cleto, exigia comissão para liberar empréstimos feitos com recursos do FGTS. Uma das tramoias teria sido no financiamento das obras do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, conforme contou o dono da empreiteira Carioca Engenharia, Ricardo Pernambuco. A grana embolsada por Alves ficaria guardada no exterior. O ex-deputado tem uma conta no Merrill Lynch Suíça, a Beelfield, onde Pernambuco fez depósito em 2011 através de uma conta no mesmo banco, a Kindai. Novas informações enviadas pela Suíça mostram que a conta Beelfield movimentou 930 mil dólares entre 2014 e 2015.

Na ordem de prisão do ex-deputado, o juiz da 10ª Vara, Vallisney de Souza Oliveira, mandou encarcerar outras quatro pessoas. Uma delas é motivo de mais preocupação para Temer. Figura citada em delações da Odebrecht, André Luiz de Souza seria um operador financeiro do PMDB no exterior, ou seja, dava um jeito de a grana de propina ir de um lado a outro sem dar na vista e devidamente branqueada. Há registros de ter girado 12 milhões de dólares entre 2011 e 2012. Cunha já foi réu nesse mesmo processo e hoje merece uma ação penal só sua, também conduzida pelo juiz Oliveira. Ele arrolou Temer como testemunha de defesa, elaborou 19 perguntas e botou André de Souza na berlinda. Temer já havia participado de reuniões com Souza para discutir financiamentos da Caixa? E de reuniões com Souza, OAS e Odebrecht para tratar de



Nesta sessão do TSE, Gilmar Mendes teve de engolir as oportunas observações de Herman Benjamin

grana de campanha? O questionário foi despachado pelo juiz a Temer, mas uma Corte de segunda instância barrou.

Henrique Alves teve sua prisão decretada também pelo juiz Francisco Eduardo Guimarães Farias, da 14ª Vara Federal do Rio Grande do Norte. Ali é investigado por suspeita de participar do superfaturamento de 77 milhões de reais nas obras da Arena das Dunas, construída para a Copa do Mundo de 2014. Teria ajudado a encobrir a fraude com sua influência no Tribunal de Contas estadual e, em troca, recebido dinheiro da OAS, a construtora da obra, na forma de doação eleitoral, por exemplo. E aqui o rolo resvala em Temer. A conta aberta pelo presidente para movimentar grana na eleição de 2014 prestou-se, segundo o Ministério Público Federal, a liquidar parte da propina paga a Alves pela OAS. A empreiteira depositou 500 mil reais nessa conta, o dinheiro foi para o

A MAIORIA DOS TUCANOS COGITA ABANDONAR TEMER E A ALIANÇA COM O PMDB NO MEIO DO NAUFRÁGIO. PENSAM NO PRÓXIMO PLEITO

diretório do PMDB potiguar e daí para a fracassada campanha de Alves ao governo do estado. Tudo registrado no TSE com data de 11 de setembro de 2014.

Ter uma conta própria na eleição daquele ano era um dos principais argumentos da defesa de Temer perante o TSE no julgamento iniciado na terça-feira 6 sobre a cassação, por abuso de poder político e econômico, da chapa presidencial vitoriosa em 2014. O julgamento entraria pelo sábado 10, mas até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira

8, o panorama indicava uma vitória de Dilma e Temer. Quatro dos sete juízes eram contra levar em conta delações da Odebrecht, principal material incriminatório reunido pelo relator, Herman Benjamin. Entre os quatro, oh, surpresa!, os dois recém-nomeados por Temer, Admar Gonzaga e Tarcísio Vieira.

O comandante da Corte, Gilmar Mendes, conselheiro informal do presidente para todas as horas, também se perfilou ao lado de Temer, razão para ter protagonizado os maiores embates do julgamento, sempre com Benjamin por oponente. Este, em sua primeira intervenção, fez uma observação curiosa: “Caixa 2 e corrupção não foram inventados em 2003”, primeiro ano do governo Lula. Dali em diante, disse Benjamin, a PF ganhou autonomia, a PGR parou de “engavetar” as coisas. Em suas intervenções posteriores, o juiz recorreu sempre que pôde a votos antigos de Mendes no TSE, uma forma de constrangê-lo a não



defender Temer. Um desses votos foi proferido em 2015 e dizia respeito ao mesmo processo de cassação da chapa. Não fosse aquele voto seu de 2015, e o caso estaria encerrado há tempos, reconheceu o próprio Mendes. E mandou a “modéstia às favas”, ao comentar que Benjamin só estava “brilhando na televisão” graças a ele. “Prefiro o anonimato”, rebateu o relator. Tapa com luva de pelica no verborrágico Mendes.

Embora nada tenha a ver com Joesley Batista e a JBS, o julgamento no TSE era a saída política que alguns aliados de Temer apostavam para tirar o presidente do cargo, já que o peemedebista diz e repete que seguirá firme até 31 de dezembro de 2018. Entre esses aliados estava o PSDB, o mais desorientado entre todos os grandes partidos no meio do “grande conflito institucional”. À espera da decisão do TSE, resolveria na segunda-feira 12 se matinha o apoio ao governo ou se o abandonaria. A maioria dos deputados tucanos quer deixar Temer na chuva, apavorada com a possibilidade de disputar eleição no ano que

vem com a imagem colada a um governo que cai de podre. O chefe do PMDB, senador Romero Jucá, de Roraima, diz que, se o PSDB largar Temer, não terá apoio peemedebista na próxima campanha. Era para ser uma ameaça, mas há quem pague para ver quantos terão coragem de concorrer à Presidência ou ao Congresso, em 2018, atrelados ao PMDB.

Há também outro jogo sujo do PMDB com o PSDB nos bastidores, a ameaça de degolar o senador tucano afastado Aécio Neves no Conselho de Ética do Senado. Curiosidade: em 30 de maio, Aécio participou de uma reunião com senadores tucanos e fez questão de botar uma foto dela no Facebook com o comentário de que tinha discutido “votações no Congresso”. Tremendo deboche do Supremo, que mandara o mineiro ficar afastado de suas atividades parlamentares.

Deboches à parte, o Senado avança com a reforma trabalhista, aprovada na

terça-feira 6 na Comissão de Assuntos Econômicos e com votação marcada para o dia 28 no plenário da Casa. Dois dias depois, haverá mais uma greve geral organizada por sindicatos contra essa reforma e a da Previdência. Ao exibir tamanha indiferença à voz das ruas, até quando o Congresso conseguirá ficar alheio ao “grande conflito institucional” que traga Temer, a PGR e um juiz do STF?

No livro *A Radiografia do Golpe*, lançado em agosto de 2016, o sociólogo Jessé Souza já antevia um racha na aliança que derrubara Dilma Rousseff, formada por partidos, empresários e a turma da Operação Lava Jato (procuradores, policiais, juízes). O bloco já apresentava então as primeiras rachaduras, devido à tentativa do Judiciário e do Ministério Público de arrumar aumento de salário, sem se importar com a crise econômica. Agora, diz Souza, diante da guerra que ameaça Temer, não há dúvidas. O racha é total, atingiu o clímax. “É fácil juntar aventureiros para assaltar um banco, dividir o butim depois é mais difícil...” •